
Amazônidas: arte-música-poesia-pensamento-combate... em disparos potentes!

Amazônidas: Art-Music-Poetry-Thought-Fight... in Powerful Shots!

Amazônidas: arte-música-poesia-pensamiento-luta... ¡en fuertes disparos!

*Luizan Pinheiro (Universidade Federal do Pará, Brasil)**
para Aluizio Leal¹

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47225>

13

RESUMO: Este artigo atravessa territórios musicais pra colocar em visibilidade aspectos da vida na Amazônia a partir de um viés crítico-guerrilheiro marcado na percepção e vivência musical de quatro compositores: Vital Farias, Xangai, Mestre Lourival Igarapé e o autor-compositor deste trabalho, que sentem e expressam a Amazônia de ângulos diversos e sensibilidades específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; música; resistência; crítica

* Luizan Pinheiro é Professor Doutor da Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará - FAV/ICA/UFPA. E-mail: luizan2014@gmail.com / luizan@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9199-5327>.

ABSTRACT: This article crosses musical territories to highlight aspects from Amazonian life, taking a critical-guerrilla-fighter perspective pronounced in the musical experience and perception of four composers: Vital Farias, Xangai, Mestre Lourival Igarapé and the author-composer of this piece, who feel and express Amazon from multiple angles and specific sensibilities.

KEYWORDS: Amazon; music; resistance; critique

RESUMEN: Este artículo atraviesa territorios musicales para poner en visibilidad aspectos de la vida en la Amazonía desde un enfoque crítico-guerrillero caracterizado por la percepción y experiencia musical de cuatro compositores: Vital Farias, Shangai, el Maestro Lourival Igarapé y el autor-compositor de esta obra, quienes sienten y expresan la Amazonía desde diferentes ángulos y sensibilidades específicas.

PALABRAS CLAVE: Amazonía; música; resistencia; crítica

Citação recomendada:

PINHEIRO, Luizan. Amazônidas: arte-música-poesia-pensamento-combate... em disparos potentes! *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 37, p. 13-30, jan./jun. 2021. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47225>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2021 Luizan Pinheiro

Amazônidas: arte-música-poesia-pensamento-combate... em disparos potentes!

1.

As artes em suas diversas linguagens têm na Amazônia² um campo fértil de reflexão, ação, resistência, pensamento e combate. A constituição estética das formas e experiências artísticas se diferenciam e se afirmam na potência de suas pesquisas específicas, de seus modos de criação, de suas expressões livres, de suas intervenções. Tanto nas matérias que as constituem quanto nos discursos que as embasam: políticos, afetivos, combativos, críticos das institucionalidades em seus usos e abusos e dos poderes instaurados em vista do que chamamos de *gestão da vida*. Essas *discursividades teorico-poéticas* afirmam-se marcadas na dimensão de resistência ao processo de dizimação e destruição em diversos campos de conhecimentos, saberes, fazeres e vida na Região Amazônica.

2.

Estados intensos e devastadores deformando a paisagem, as estruturas físico-geográficas; o avançado e amplo processo de barbárie dos seres vivos nas suas infinitudes de espécies em inúmeras áreas e locais; o meio ambiente... O solo, a água, a vegetação, a diversidade de suas composições e estruturas, destruídas material e institucionalmente; políticas criminosas na i-legalidade de suas sanhas em nome do pseudo-progresso. Há tempos sabemos com nossos antepassados e as presentes comunidades indígenas que é possível conviver com as diferentes espécies e seres sem a agressiva destruição de suas condições e suas missões no planeta. Mas, mesmo assim, faz-se jorrar rios de dinheiro, perseguição, desmandos, corrupção, sonegação, *rapina*,³ roubo, incêndios, tráfico, grilagem, depredação, matança; nu-

ma lógica suja de desenvolvimento pra Região. *A fauna e a flora*; os ecossistemas; os igarapés, os rios, os mares, os peixes; a caça, a pesca; a beleza, a autosustentabilidade e a vida dos povos tradicionais indígenas, quilombolas, ribeirinhos, praianos, campesinos, estradeiros, viajantes... milhares de registros fotográficos e audiovisuais, pesquisas, publicações, livros, filmes, obras de arte dos quatro cantos do mundo registram e acompanham com voracidade as tragédias e o processo de destruição ininterrupto aos olhos e assinaturas legais dos poderes através dos séculos... E muitos com o patrocínio do próprio dinheiro sujo de corporações que detêm a propriedade privada da Região. É privada em muitos sentidos! Pois a tratam como *privada* por onde fazem escoar as merdas que não queremos aqui.

3.

Desde a implantação dos grandes projetos carregados na mortal e cruel ambivalência: *desenvolvimento-progresso / dizimação-genocídio*. As forças da arte e das ciências humanas em geral passaram a se contrapor em pesquisa, reflexão, ação em defesa e combate da Amazônia e seus po-

vos. Diante das experiências mineradoras e hidroelétricas, do escoamento assustador em grandes navios transportando para fora do país: bauxita, manganês, ouro, ferro... *Ferrando* tudo sob um aparato jurídico dos chamados *acordos internacionais* e as *cooperações* de corporações. E ao fim e ao cabo resta-nos estupefatos o cinismo marqueteiro e escancarado das campanhas publicitárias lavadas no dinheiro in-visível a insultar nossa inteligência amazônica. Propaganda suja a exemplo da Norte Energia, sustentáculo da UHE Belo Monte: "a energia boa". O uso abusivo das referências da cultura paraense *in outdoor*, só pra deixar os buracos escavados "até o diabo não dizer chega!". Ou na pista de Sérgio Bianchi, da expressão e título de seu filme: "*Quanto vale ou é por quilo?*". Sim. Vale! O Vale do Rio Amargo, num trocadilho esdrúxulo de rebatismo ao maior projeto de destruição institucional da Amazônia: A Vale do Rio Doce. Quanto *vale* o estrago e a esmagadora destruição daqueles que perderam tudo: suas famílias, seus trabalhos, seus rios, seus sonhos, suas vidas para as formas multinacionais do que poderia ser chamado de tráfico institucional de *royalties* que talvez não se saiba para onde vão. Só o *vão*. O

vazio. O buraco. E numa outra troca vocabular seria mais preciso trocar *royalties* por *hole* (buraco). Buraco de miséria, buraco de doença, buraco de impostos, buraco no solo fértil a arder todos os dias, buraco na camada de ozônio, buracos na Transamazônica - a grande promessa salvífica de quem precisa se deslocar na Região. Quando o *inverno* vira *inferno* que nunca acaba. O término da Transa nunca acaba porque a *transa* é boa e dá dinheiro *ad infinitum!* E quem goza são os outros. E gozam na e com a nossa cara, pois a Região onde se produz a energia nas hidroelétricas é exatamente onde se paga as taxas mais caras de energia.

4.

Alguém poderia perguntar porque no geral não se fala ou mostra as coisas boas da Amazônia. As *benfeitorias* que as empresas e seus projetos trazem para a Região. O compromisso social que o grande capital implanta aqui. Os Vales-misérias distribuídos aqui para calar a boca da população, enganarmo-nos e salvar sua consciência culpada, se é que o capital tem consciência! É possível que tenhamos espaço para as coisas boas da Região. Mas elas não

são possíveis quando se trata de pensar o estado orquestrado de destruição massiva que se instalou aqui. Mas a contar com a lógica da subserviência implantada e sustentada na base da corrupção, no sentido tanto monetário quanto jurídico, institucional, *atávico*. E acompanhado por nós, as atividades de inúmeros processos políticos, sociais e culturais, e vistos e sentidos na extensão universitária, vide o *Projeto Coroatá de Incubação Empreendimentos de Projetos Culturais Solidários (UFPA / 2015/ 2016)* nos últimos anos. Assim é muito difícil se chegar à conclusão de avanços ou de coisa do gênero, frente ao vasto estado de debilidade dessas tantas *políticas-promessas-públicas*, vide o acelerado processo de desmatamento, a principal ferida da Região. As lutas. Essas sim se destacam! Ainda estamos a lutar! Mas pra especificar um ângulo: tudo na Amazônia é incrível! *Mas sua destruição e abusos sofridos a deixam triste e feia!*, quando se vê as páginas de tristeza de vidas ceifadas na Região. As lideranças indígenas e Quilombolas. O assassinato de Trabalhadores Sem Terra. Dorothy Stang, Chico Mendes, Padre Josimo etc., etc., etc. Abre-se aqui portanto uma condição *estética e política*. O que a faz feia é sua ges-

tão e as injustiças naturalizadas aqui. A falta de cuidado, amor, como sentimento de vida do lugar! Políticas decisivas sem consulta aos que vivem e cuidam da Região, e sobre o que pensam e acham... Políticas de gabinete. Planejamentos equivocados e senso de desenvolvimento maléfico. É difícil ver um sentido real de satisfação e felicidade, pois as políticas públicas são *fakes e repetíveis e agressivas no sentido perverso de perversão pela destruição*. No ensaio *A UHE Belo Monte e Os Povos do Xingu: repetindo histórias já contadas*, de Antonia Melo Silva e Dion Márcio C. Monteiro na Revista *Terceira Margem Amazônia* (SILVA; MONTEIRO, 2012), eles são precisos na afirmação: "*Domar a Amazônia é o desejo histórico de homens e mulheres do Palácio do Planalto, ditadores e "democratas". Nivelar os rios para escoar o produto do agronegócio, liberar os territórios indígenas e de populações tradicionais para as grandes mineradoras, construir hidrelétricas para garantir energia barata às indústrias nacionais e transnacionais. Transformar matas e rios em concreto é o projeto de desenvolvimento pensado para a região. Neodesenvolvimento impulsionando o neocolonialismo*". Isto dito em 2012, data da publicação

mencionada, portanto, há oito anos atrás. Assim, a questão não é só a *beleza* (em sentido amplo do que a Estética permite) e as *coisas boas* (inclusos todos os campos de conhecimento, saberes e fazeres daqui). Poderíamos citar um caso: o Museu Emílio Goeldi e em seguida criar uma lista de instituições incríveis. Instituições reconhecidas nacional e internacionalmente com seus acervos, estudos, produções de milhares de pesquisas e publicações que são fundamentais no conhecimento e defesa da Amazônia. Mas sucateadas, privadas de recursos e manutenção, exploradas de diversas formas. O que tá na base de nossas lutas passa pela possibilidade de gestão das instituições com o comprometimento que nos cabe na responsabilidade pela Região.

5.

É importante sempre, e por princípio, pensar em *expressões de felicidade* na Amazônia onde as políticas públicas nas diversas áreas do meio ambiente à educação, da segurança pública ao saneamento básico, da economia à agricultura etc. a infelicidade e a insegurança com a vida na Amazônia passou a ser uma espécie de *le-*

gitimação da miséria tão grande quanto a construção da Ferrovia Madeira Mamoré nos anos 50 e da Rodovia Transamazônica nos anos 70, expressões dessas políticas de décadas. Podemos considerar que mesmo que seja apenas uma espécie de felicidade efêmera e ilusória, o nível de destruição, enganação, mentira e abuso dos poderes públicos e do estado *indistintamente* quanto aos comandos partidários, é a mesma lógica! A gigantesca ameaça de extinção em curso está no núcleo conceitual das formulações de políticas para a Amazônia nas últimas décadas, *não são para a Amazônia*. Ou talvez nunca tenham sido... pra gente daqui, pra vida daqui. Homens, mulheres, crianças, animais, plantas, mares, rios, terras, florestas... todos os seres vivos daqui e mais mil etc. O processo destrutivo, que poderíamos chamar de A GRANDE ESTUPIDEZ PLANETÁRIA, *opera pelo princípio que estabelece a destruição da vida como seu fim último*. Isto está provado na nocividade sem precedentes presentes nas catástrofes ambientais da Região, sejam com as UHEs quanto específicas (Serra Pelada, Carajás, Tucuruí, Barcarena, Altamira etc., só do Pará... afora Rondônia, Acre Roraima, Amapá, Amazonas... onde o *surto de*

desenvolvimento gerou grandes áreas de miséria e doença), isso na trilha ambiental desses últimos anos. Assim não há parâmetro para medir tal estupidez! Seja pública ou privada!

6.

2020. A problemática da Amazônia no *videogame* inter/nacional *acumula* zilhões de interesses e intervenções atravessando décadas. Cá estamos nós diante de mais um *governo de merda*, pra usar uma expressão popular e cotidiana de *desgovernança*, a escoar pelos ralos da história suas podridões indigestas. Uma tal *letalidade* do que pode aquela *estupidez* diante da vida na Amazônia. O usufruto da rapina atávica de seus degenerados *capitães do mato* viciados em vilanias de *capitanias hereditárias*. Faz-se de novo o mesmo enredo enredado no tempo de seus gestos miméticos. E para além destes infinitos assédios de uma desgovernabilidade senil em direção à Região, abre-se no palco da floresta a nova cena que encena os novos ares, ou melhor odores, dos maiores *bancos privados* em atuação no país: Itaú, Bradesco e Santander. A "novidade" é uma agenda de sustentabili-

dade. O capital dizendo ao governo “ou preserva *nossas* (no sentido do capital-posseiro) riquezas ou não investiremos nos seus projetos”. Quac! Grita o Pato Donald Trump numa ironia triunfal. O investimento privado nos projetos do governo pra Amazônia tem agenda e ditamnas ao governo sobre as novas políticas ambientais e outras (não sei quando foi diferente!). “*Os banqueiros contaram que os empréstimos e investimentos que farão na Amazônia respeitarão essa agenda de sustentabilidade. O negócio bancário agora é assim. A intenção, por exemplo, é apoiar as hidrovias. Os projetos que respeitam comunidades locais, os indígenas e ribeirinhos, também se encaixam no plano. As cadeias de negócio de produtos da região, como açaí e cacau, serão apoiados. São cadeias de negócio que geram renda local e convivem bem com a floresta*”⁴. Discurso saído da reunião do Conselho Nacional da Amazônia. Parece assustador? Que nada! Compare com a citação da *nota de rodapé 1*. Mas é mais do mesmo, *nada* do que outras mentes brilhantes do passado não tenham pensado. Talvez só não com outros termos da moda de 2020: SUSTENTABILIDADE. Agora é *pagar pra ver!* Pois, na medida em que não

deve haver na agenda a possibilidade de uma *expressão de felicidade*, onde as políticas públicas para as diversas áreas: do meio ambiente à educação, da segurança pública ao saneamento básico, da economia a agricultura etc., a *infelicidade* e a *insegurança* da vida na Amazônia passou a ser, por décadas, uma espécie de expressão da *legitimação e naturalização do princípio destrutivo de base epistêmica e endêmica institucionalizado desde o processo de colonização quinhentista*, o que me faz lembrar de Ailton Krenak numa fala na UFF, em 2019: “*eles nos colonizaram e nos deixaram colonizando uns aos outros...*”. Ei, não há intervalo nas cenas? Então chamemos os cantadores!

7.

Quatro canções de combate...

Saga da Amazônia⁵

(Vital Farias)

O poeta e cantador paraibano Vital Farias dispara uma canção num viés crítico e de resistência em defesa da Amazônia pela potência da Saga, no disco *Cantoria 1*. Um ajuntamento de 4 *cantadores* da mais alta qualidade da Música Popular Brasileira: Vi-

tal Farias, Elomar, Xangai e Geraldo Azevedo. Em *Saga da Amazônia*, todos os elementos expostos na narrativa caracterizam uma *poética de combate*, revirando as vísceras dos procedimentos abusivos em relação a floresta. De décadas em décadas os personagens são os mesmos a repetirem o processo destrutivo e explorativo da Região. O cantador dispara na abertura da canção os versos de... a citação do poeta e cantador François Silvestre: "*só é cantador quem traz no peito a cor e o cheiro da sua terra, a marca de sangue de seus mortos, e a certeza de luta de seus vivos*", marcando a posição e força do cantador no abraço do seu tema. Na direção que Euclides Farias também comenta em sua crônica musical e cultural, que a "*Função social da arte, a música-denúncia de Vital não tem ranços nem faz coro a cantilenas de ongs secretamente subvencionadas por laboratórios farmacêuticos e cosméticos. Está focada no drama humano, em cada árvore que tomba, em cada bicho que morre. "Se a floresta, meu amigo, tivesse pé pra andar, eu garanto, meu amigo, o perigo não tinha ficado lá*", aposta o cantador.⁶ O que explicita de forma radical a força do cancionista brasileiro, a condição do lugar da

canção de protesto na tradição de nossa MPB. Vital traz todos os elementos da situação em que a Floresta Amazônica se encontra no processo de devastação institucional. E estes escritos (o disco é de 2007); do século XXI indica o caminho de destruição imperante na Região. Estamos inseridos num amplo processo destrutivo, pois se as políticas ambientais e de proteção não são cumpridas, aplicadas e os destruidores não são punidos, opera-se numa lógica institucional pelo prisma da ausência e subserviência ao modelo de progresso dizimador e rapineiro. A Saga da floresta continua nestes anos 2000... E se aprofunda de governo em governo... deixando as *Veias Abertas da América Latina* cada vez mais abertas e sangradas... Escute!

Saga da Amazônia?

(Vital Farias)

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d'água as laras, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de
amores

Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir
Era: Fauna, flora, frutos e flores
Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe dragão-de-ferro, pra comer muita ma-
deira
E trouxe em estilo gigante, pra acabar com a ca-
poeira

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemu-
nhar
Pra o dragão cortar madeira e toda mata derru-
bar
Se a floresta meu amigo, tivesse pé pra andar
Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha
ficado lá
O que se corta em segundos gasta tempo pra
vingar
E o fruto que dá no cacho pra gente se alimentar?
Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é
um mar
Mas o dragão continua a floresta devorar
E quem habita essa mata, pra onde vai se mu-
dar???

Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá

Tartaruga, pé ligeiro, corre-corre tribo dos Ka-
mauírá

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só pra lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram como ave-de-arribação
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
Gente enterrada no chão

Pois mataram índio que matou grileiro que ma-
tou posseiro

Disse um castanheiro para um seringueiro que
um estrangeiro
Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região
Ficou tão penalizado que escreveu essa canção
E talvez, desesperado com tanta devastação
Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção
Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa
mágoa
Dentro do seu coração

Aqui termina essa história para gente de valor
Prá gente que tem memória, muita crença, muito
amor
Prá defender o que ainda resta, sem rodeio, sem
aresta
Era uma vez uma floresta na Linha do Equador

8.

Matança (Augusto Jatobá)⁸ (Xangai)

Outra canção importante que demarca o território de combate e denúncia da destruição e devastação da Floresta Amazônica é *Matança*, composição de Augusto Jatobá e executada pelo cantor e violeiro Xangai no mesmo disco *Saga da Amazônia: Cantoria 1*. É uma profunda demonstração de que nem só dos livros acadêmicos e científicos de Botânica pode-se ter acesso às riquezas das florestas brasileiras.⁹ Isto nos leva a perceber o tanto de espécies que Xangai canta e reverencia na sua infinidade gigantesca como a que a mãe natureza nos ofertou, e encontra na Amazônia um dos seus *berços esplêndidos* de quantidade e qualidade que temos país afora. Do mesmo modo que o pau-brasil fora levado daqui, inúmeras espécies da flora brasileira têm sido traficadas, roubadas e negociadas com a bênção de um modelo de descontrole pela vida das espécies que nos são caras em seu sentido biológico: *bio* (da vida das florestas e espécies) e *lógico* (do valor racional e científico para sobrevivência do planeta). Muitas *impossível replantar*, como cantam Jatobá e Xangai. Essa biodiversidade vegetal e

arbórea, que é expressa de forma contundente em *Matança*, produz uma incrível posição de músicos e cantadores, musicistas e cantadoras... sensíveis às condições das florestas brasileiras. Artistas que sabem sua posição política, neste caso na música brasileira, e a potência de suas falas artísticas-musicais-poéticas porradas. Afirmações necessárias frente ao processo de dizimação acima mencionado, tanto quanto as pesquisas científico-acadêmicas, pois não há, a nosso ver, hierarquização e valoração entre conhecimento e saberes à medida em que o que nos interessa é a potência de suas formulações. E, assim, *Matança* chega com essa distribuição crítica resistente a formular uma Mostra das espécies que nos cercam e são dia a dia destruídas...

Matança (Augusto Jatobá) (Xangai)

Cipó Caboclo tá subindo na virola
Chegou a hora do Pinheiro balançar
Sentir o cheiro do mato, da Imburana
Descansar, morrer de sono na sombra da Barriguda

De nada vale tanto esforço do meu canto
 Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar
 Tal Mata Atlântica e a próxima Amazônica
 Arvoredos seculares impossível replantar
 Que triste sina teve o Cedro, nosso primo
 Desde de menino que eu nem gosto de falar
 Depois de tanto sofrimento seu destino
 Virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar
 Quem por acaso ouviu falar da Sucupira
 Parece até mentira que o Jacarandá
 Antes de virar poltrona, porta, armário
 Mora no dicionário, vida eterna, milenar
 Quem hoje é vivo corre perigo
 E os inimigos do verde dá sombra ao ar
 Que se respira e a clorofila
 Das matas virgens destruídas vão lembrar
 Que quando chegar a hora
 É certo que não demora
 Não chame Nossa Senhora
 Só quem pode nos salvar é

Caviúna, Cerejeira, Baraúna
 Imbuia, Pau-d'arco, Solva
 Juazeiro e Jatobá
 Gonçalves-Alves, Paraíba, Itaúba
 Louro, Ipê, Paracaúba
 Peroba, Massaranduba
 Carvalho, Mogno, Canela, Imbuzeiro
 Catuaba, Janaúba, Aroeira, Araribá
 Pau-Ferro, Angico, Amargoso, Gameleira
 Andiroba, Copaíba, Pau-Brasil, Jequitibá

9.

Queimadas (Mestre Lourival Igarapé)

Um modo de ser e ver não menos trágico. A força da cultura popular, da música, mais especificamente do carimbó. O ritmo mais popular e potente que, na sua tradição e percurso histórico, reflete e revela a vida das gentes deste Norte. Na visada de Mestre Lourival Igarapé, a sensibilidade explosiva que se situa num lugar fundamental de sua lavra: *Queimadas*: sua música mais famosa. Gravada em 4 discos.¹⁰ É denúncia e crítica em estado puro. Um homem do Norte. Um mestre de carimbó e compositor da Amazônia coloca sua música e poesia a favor da vida! Sob a perspectiva do bem-te-vi, pássaro ativo nas matas daqui, com seu canto lindo, sente o impacto das florestas em chama e as consequências do que é a destruição da floresta e seus mananciais e fontes de vida. Mestre Lourival canta como um bem-te-vi, pois viu de perto em suas andanças o que tem sido a sina da Amazônia, sem proteção e força. Mesmo em sua tristeza profunda ainda dispara versos em que a esperança por um mundo de gente melhor aconteça:

Mas um dia a terra gira
Para o lado do bem
Faz nascer novas sementes
Na cabeça dessa gente
Que não pensa em ninguém

Mestre Lourival não desiste... sabe que as coisas estão difíceis pra nós amazônidas, que colecionamos imagens de destruição e tristeza por todos os cantos da Região. E sempre atento às coisas da Amazônia, não deixa de pensar e inventar criticamente seus versos, como faz em *Pajezinho*:

“Sumiu sumiu
A água do rio sumiu
A bomba já estava acesa
Agora acendeu o pavio”

Os cantadores, atentos ao processo ininterrupto de dizimação da Amazônia, não têm seus dias tranquilos e marcam posição em canto e grito, resistentes e combativos na direção dos abusos sofridos pela floresta, que a cada ano se acaba mais, em políticas sujas e labaredas de fogo!

Queimadas

(Mestre Lourival Igarapé)

Foi bem-te-vi quem viu
Foi bem-te-vi quem viu
A terra arder
Foi bem-te-vi quem viu
Foi bem-te-vi quem viu
A mata queimar
Beija-flor me dê um beijo antes de partir
Partiu contrariado de ver tantas queimadas
Nas florestas tropicais
A vida se acabando
As fontes todas secando
Sem ter água pra beber

Mas um dia a terra gira
Para o lado do bem
Faz nascer novas sementes
Na cabeça dessa gente
Que não pensa em ninguém

É assim que a coisa muda
Toda muda terá a vida
Toda vida terá sol
E faz girar o girassol
E faz girar...
E faz girar o girassol
E faz girar...

10.

Em Barcarena, É Boi!

(Luizan Pinheiro)

E o olhar da arte, da música e da poesia por sobre as temporalidades produzem uma gigantesca exposição de questões de que nós amazônidas sabemos seus impactos e consequências. São temáticas a céu aberto. Expondo e projetando o cenário de devastação e tragédias humanas e ambientais que são a tônica neste Norte. Não só a miséria que os Projetos das mineradoras Albrás e Alunorte há décadas trouxeram para o município; porque desenvolvimento mesmo, só o planejamento da Vila dos Cabanos (ironia do nome), para atender aos funcionários das fábricas. E em termos de condições estruturais nesses anos de projetos, não eram mais para existir os bolsões de miséria, a falta de estruturas em diversas áreas: saneamento, transporte, saúde, educação etc. Compromissos, acordos e convênios de governos federal, estadual e municipal, e o capital estrangeiro deixa sempre a marca da gestão e responsabilidade como práxis da miséria. A população sempre esteve submetida às condições precárias nessas áreas. E é claro que seria possível, mas ao mesmo tempo espantoso,

quicá suspeito, pensar Barcarena como uma cidade muito mais avançada e estruturada que outras em vista do poder econômico gerado no município. Aquilo que fica como marca do desenvolvimento para a comunidade local são suas feridas ambientais, processos judiciais, cestas básicas inversamente proporcionais ao enriquecimento e escoamento da produção dos investimentos estruturais pro capital. E, numa inferência referencial de tragédias ambientais absurdamente grotescas, optamos por pensar musicalmente o acontecimento de 2015: o naufrágio do navio Haidar em Vila do Conde/Barcarena, com 5 mil bois vivos.¹¹ Pedimos aqui licença a Reuters e ao fotógrafo Tarso Sarraf, que neste *clíc* revela o cenário deprimente da catástrofe. É o retrato do que a Amazônia está submetida na irresponsabilidade dos operadores do capital.

Compomos no estilo de *boi*, estilo musical que faz parte do universo cultural popular daqui do Pará. E no processo de criação fizemos referências e homenagens à música daqui com *Embarca Morena Embarca*, gravada por Pinduca¹²:

“Embarca morena embarca
Molha o pé mas não molha a meia
Viemos de nossa terra
Fazer barulho na terra alheia”.

Os Beatles, com *Well, shake it up, baby*. E finalizando com *Ninguém Gosta Mais Desse Boi do Que Eu*, de Carlos Paulaim, lá de Parintins (Amazonas). O trabalho poético-musical mantém a pegada crítica e política que nos cabe para mostrar “*O quê que se faz nesse Estado de Morte a Barca na Arena vendilhões do templo exploram e roubam até não se fartar*”... Tudo aqui ressoa a destruição, o desrespeito, a rapina, a agressão... E para além das possibilidades das belezas que nos envolvem e definem, é fundamental mantermos a resistência e o combate frente ao processo de genocídio institucional que aqui se instalou e se instala. Arte, vida e luta vão sempre estar aqui, ressoando nossa tradição cabana, tradição política, artística, cultural, musical.

Em Barcarena, Ê Boi!

(Luizan Pinheiro)

Embarca morena embarca...(2x)
Embarca morena, embarca morena
Embarca pro lado de lá

Em Barcarena, em Barcarena
Tem gente passando pra lá (1ª)
Tem boi no almoço e jantar (2ª)

Passa a morena, passam as crianças, os velhinhos, as velhinhas, os homens, as mulheres que lutam por lá...

Passa na Jaula de Ferro a boiada levada, matada, afogada na frente das praias da gente de lá...
Ê Boi!!!

O quê que se faz nesse Estado de Morte a Barca na Arena vendilhões do templo exploram e roubam até não se fartar... Boi Gordo!!!
Que essa história de ordem e progresso e desenvolvimento sustenta a conversa enfiada que é pra boi dormir...
Boi peludo!!!

Que a Barca Furada afundou mas não matou fome de carnificina na nossa Amazônia que não tá legal!!!

Well, shake it up, baby, now (Shake it up, baby)...
(THE BEATLES. 1963)
Ninguém gosta mais desse boi do que eu (2X)¹³



Fig. 1 - Carcaças de bois se espalharam pelas praias da região após o naufrágio do navio Haidar, que seguia para a Venezuela carregado com cerca de 5 mil animais e naufragou no porto da Vila do Conde, em Barcarena (Foto: Tarso Sarraf/Reuters).

Fonte: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/10/naufragio-de-navio-com-5-mil-bois-vivos-em-barcarena-completa-um-ano.html>

Notas

¹ Meu mestre nos tempos da disciplina História Social e Econômica da Amazônia, na Especialização em Educação e Problemas Regionais - ICED/UFPA, nos idos do ano 2000.

² Consideramos que a denominação da Amazônia Legal “é uma área de 5.217.423 km², que corresponde a 61% do território brasileiro. Além de abrigar todo o bioma Amazônia brasileiro, ainda contém 20% do bioma Cerrado e parte do Pantanal matogrossense. Ela engloba a totalidade dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e parte do Estado do Maranhão. Apesar de sua grande extensão territorial, a região tem apenas 21.056.532 habitantes, ou seja, 12,4% da população nacional e a menor densidade demográfica do país (cerca de 4 habitantes por km²). Nos nove estados residem 55,9% da população indígena brasileira, cerca de 250 mil pessoas, segundo a FUNASA”. Disponível em <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28783-o-que-e-a-amazonia-legal/> Acesso em 7/10/2020.

³ O termo *rapina* era usado constantemente por Aluízio Leal em nossas aulas e até hoje ficou na memória. O expresso aqui. Grato, Mestre!

⁴ Disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/bastidores-da-reuniao-entre-banqueiros-e-governo.html>. Acesso em 7/10/2020.

⁵ Disco Cantoria 1. São Paulo: Edições KUARUP. 1984.

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=213996532407016&set=a.110190752787595.1073741828.100013900116137&type=3&theater>. Acesso em 7/10/2020.

⁷ Disponível em <https://open.spotify.com/album/5dHSwUkKnB5nrWFnkAmX9G?si=ud2RiHsqQZ2QjCGLclTHBQ>. Acesso em 7/10/2020.

⁸ Disponível em <https://open.spotify.com/album/5dHSwUkKnB5nrWFnkAmX9G?si=ud2RiHsqQZ2QjCGLclTHBQ>. Acesso em 7/10/2020.

⁹ “Na Amazônia, nada é tímido. Ao contrário, tudo parece tomar proporções míticas: o maior bioma do Brasil cobre um território de 4,196.943 milhões de km², onde crescem 2.500 espécies de árvores - 1/3 de toda a madeira tropical do mundo - e 30 mil espécies de plantas (das 100 mil da América do Sul). O bioma representa mais da metade das florestas tropicais remanescentes e compreende a maior biodiversidade em uma floresta tropical no planeta.” Disponível em <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28611-o-que-e-o-bioma-amazonia/>. Acesso em 7/10/2020.

¹⁰ Álbum Lauvaite Penoso (À Bença) - Nã Music/2017. Carimbó Tamaruteua (Tamaru ProduSons-2019). Ton Rodrigues: No Quintal da Carimboza (2019).

¹¹ Além desta tragédia em 2018, ocorreu o vazamento de resíduos químicos da empresa mineradora norueguesa Hydro Alunorte. Mais uma catástrofe ambiental sofrida pelas comunidades quilombolas e ribeirinhas no município de Barcarena. Conferir <https://amazoniareal.com.br/vazamento-de-rejeitos-da-hydro-alunorte-causa-danos-socioambientais-em-barcarena-no-para/>. Acesso em 7/10/2020.

¹² Chamado de Rei do Carimbó, Pinduca é referência do carimbó moderno da nossa tradição carimbozeira. Mas o carimbó tem muitos reis: Lucindo e Verequete são alguns deles. E rainhas: Bijica, D. Onete, Nazaré do Ó...

¹³ “Ninguém gosta mais desse boi do que eu.” - Arrastão do Hino do Boi Caprichoso de Parintins, do compositor Carlos Paulain.

Referências

SILVA, Antonia Melo; MONTEIRO, Dion Márcio C. A UHE Belo Monte e Os Povos do Xingu: repetindo histórias já contadas. *Revista Terceira Margem Amazônia*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 245-252, 2012. Disponível em [http://revista-terceiramargem.com/index.php/terceira margem/article/viewFile/34/37](http://revista-terceiramargem.com/index.php/terceira%20margem/article/viewFile/34/37). Acesso em 7/10/2020.

THE BEATLES. Well, Shake it Up, Baby. Álbum: Please Please Me (1963)